Magnífico Reitor do Centro Universitário de Brasília.

Excelências,

Senhoras e Senhores integrantes da comunidade universitária,

Senhor Presidente da República de Cabo Verde.

Ao longo de sua história mais que cinquentenária, esta Universidade, pouca coisa mais jovem que a nova capital do Brasil, raríssimas vezes concedeu títulos *honoris causa* – a personalidades de excepcional destaque nas ciências ou nas humanidades. Um nome apenas me acode hoje à memória, o do saudoso professor Miguel Reale, um monumento inigualável, entre nós, no cultivo da filosofia e da ciência do Direito. Esta, Presidente Jorge Carlos Fonseca, é a primeira outorga desse título a um Chefe de Estado, estrangeiro ou nacional. E grande é nosso orgulho, e grande é nossa honra, por que esse notável estadista seja o presidente de Cabo Verde, uma civilização de reconhecido e aclamado destaque no universo das nações de

língua portuguesa, comunidade que o Brasil se envaidece de integrar.

Mais de século e meio separa, na ordem do tempo, a independência do Brasil e a de Cabo Verde, mas as circunstâncias de um e outro desses eventos não foram muito diversas. Aqui e lá a soberania nascente deveu enfrentar a previsível resistência da metrópole colonial, e não logramos aceder à independência sem suportar as agruras da luta e do sacrifício.

Mas aqui como lá recebemos, da mesma metrópole, um legado de valor inestimável. Herdamos a audácia e o espírito aventuroso dos grandes navegadores, formados pela escola de Sagres, que Luis de Camões mais tarde festejaria no poema épico da terra lusíada, aquela que *"Na quarta parte nova os campos ara; e, se mais mundo houvera, lá chegara."* Desse legado fazem parte ainda a generosidade, a tolerância, o entendimento do outro, a fuga a qualquer espécie de rejeição ou preconceito fundado na raça, na cultura ou na fé.

Sem embargo da desproporção territorial e demográfica, o fato é que o Cabo Verde, como o Brasil, foi cenário de exemplar integração entre raças de todos os quadrantes. Mas este país que hoje vos recebe, senhor Presidente, além de não haver conseguido até agora eliminar os gravíssimos desníveis sociais e econômicos que permeiam sua sociedade, padece presentemente de uma brutal fratura política que antagoniza os extremos e deixa pouco espaço aos que procuram o justo equilíbrio entre as ideias, os princípios, os direitos, as garantias e os valores em conflito. Que nos sirva de exemplo o seu país, senhor Presidente, na redução dos contrastes de qualidade de vida entre os estratos vários da cidadania, e ainda no alto nível de civilidade em que lá coexistem as diversas vertentes da política.

Nossa união, hoje institucionalizada na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, parece resultar, mais que tudo, do legado da pátria-mãe, das virtudes que repontam como próprias à índole portuguesa,

e dos primores desse idioma que, segundo Olavo Bilac, nosso vate de há um século, logra ser, a um só tempo, obscuro, belo, rude e doloroso. O gênio lusitano reluz nesse extraordinário poder de sedução que prescinde da unidade étnica, como prescinde da própria antiguidade, e que multiplica os legatários de sua cultura, para muito além da dimensão dos que têm no pequeno jardim de Europa suas veras raízes.

Esta casa, Senhor Presidente, uma das mais prestigiosas do ensino superior privado no Brasil de nosso tempo, recebe hoje *honoris causa*, na pessoa de Vossa Excelência, o revolucionário da independência de sua pátria, que por ela militou desde a adolescência; o estadista de elite, o mestre da ciência do Direito, e o primoroso homem de letras, das letras jurídicas como da literatura política — e sobretudo, quem sabe, da poesia. Faz pouco tempo que, ainda no exercício da presidência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, pronunciastes estas palavras inspiradoras: *"...em cada momento,*

como este, em que nos reunimos e corporizamos as aspirações dos nossos povos, eu penso nos nossos poetas, pois são eles quem vai à frente nessa tarefa, tida, amiúde, como inútil — mera tapeçaria de sons e sílabas — de pensar o coração das pessoas e o riso das crianças, questionar a nossa própria existência. Como se ela (a poesia), que se contém na vida e em todos os seus pedaços, e, por isso, precisa de toda a luz do mundo, fosse efectivamente a fala do mundo e o único remédio para a sua definitiva salvação. Penso neles como cidadãos de um país que é o das letras, mas que também junta rios e montanhas, ilhas e vales, promontórios, vilas e cidades; aqueles que ao fim de cada volta da Terra em torno do Sol, recolhem e amassam a espuma dos dias, registam os sons do quotidiano e a voz do silêncio."

O Brasil, senhor Presidente, pratica um modelo constitucional republicano, federativo e presidencialista, à luz de uma concepção do poder judiciário que, embora teorizada por clássicos europeus, só veio a

inaugurar-se como prática em terras do novo mundo, a partir da revolução americana. Sem embargo, o direito que aqui se aplica é, também ele, parte de nosso legado comum, de quanto resulta do longo processo evolutivo das regras do Reino, precoces a seu tempo, na essência e no pendor à codificação. Como precoce foi a Lei das Sesmarias, de espantoso sabor de atualidade, com que D. Fernando, no século XIV, ordenava aos senhores de terras próprias que as cultivassem, ou que as dessem por arrendamento se as não pudessem cultivar por justo motivo, sem o que seriam de pronto expropriadas pelo Estado. Precoce e cintilante, desde seus alvores, foi o debate dos romanistas nas arcadas de Coimbra; e o foi mais tarde, acima de todo outro evento, a lei com que o Marquês de Pombal fez subordinar o emprego das normas do direito romano ao imperativo da boa razão, tanto significando o apurar de seu préstimo à atualidade e de sua sintonia com o senso comum da época. Agora, como produto do entendimento coletivo de que formamos uma comunidade, agregamo-nos nessa

primorosa confraria dos países cultores da língua portuguesa — entre os quais, sem favor algum, a República de Cabo Verde retrata um modelo de excelência.

O homem de Estado a quem hoje nossa Universidade rende homenagem é também, desde a juventude, o universitário dedicado, que brilhou como estudante e como mestre na Faculdade de Direito de Lisboa, que desenvolveu suas pesquisas no Instituto Max Planck de Freiburg, na Floresta Negra alemã, que ensinou em Macau, o enclave lusófono na China distante, e que conferenciou nas mais importantes universidades de quatro continentes. É o autor de livros tantos sobre a ciência do Direito, e de outros mais em que deu a conhecer seu pensamento político e sua poesia. É o titular de consagrações universitárias plurinacionais, e de condecorações expressivas como a da Ordem do Infante D. Henrique e a Ordem da Liberdade, em Portugal — e aqui, permito-me destacar por quanto me é cara e próxima, a Ordem de Rio Branco.

A história do Presidente Jorge Carlos Fonseca parece tão oceânica quanto a vocação que sua pátria recebeu da própria natureza. O Atlântico que por todos os lados circunda aquelas ilhas oferece-lhes um cenário único em sua desmesurada grandeza, um cenário de beleza sem limites, como que fadado a abrir no ser humano as portas da percepção, de que falou Aldous Huxley, revelando-lhe de todas as coisas a dimensão infinita.

Senhor Presidente, o fato de encontrarmo-nos neste momento tão distantes do oceano, nesta capital sonhada já pelos Inconfidentes de Minas Gerais, idealizada por Andrada e Silva, o patriarca de nossa Independência, e materializada nas lonjuras do planalto central do Brasil pelo vigor do Presidente Juscelino Kubitschek, o fato de tantas léguas nos afastarem hoje das águas atlânticas que um dia o viram nascer em Mindelo, na ilha de São Vicente, não elide a realidade que é nossa vocação também oceânica, banhado que se encontra o Brasil por tão colossal extensão dessas águas que nossos navegadores

batizaram como a *Amazônia Azul*. Nenhum melhor desfecho para esta fala de boas-vindas que a evocação de suas próprias palavras no discurso de Luanda: *"No mar confluem as nossas histórias e retinem alegrias e emoções dos nossos povos, alimentando o optimismo das nossas esperanças."*

Senhor Presidente Jorge Carlos Fonseca, a comunidade universitária de Brasília lhe deseja renovados sucessos e felicidades pessoais, e à jovem nação caboverdiana, cujo líder hoje honramos, o mais esplendoroso dos destinos.

*** * * * * * ***

(Francisco Rezek – CEUB - Brasília, 29 de julho de 2021)